

ALBUM

Director, **ARTHUR AZEVEDO.**

Agente geral, **PAULA NEY.**

Publica-se todas as semanas em dias indeterminados. O preço da assignatura é de 24\$000 por série de 52 numeros, e de 12\$000 por série de 26 numeros.— Para os Estados 26\$000 e 13\$000. Numero avulso 500 réis.

DIRECÇÃO : RUA DOS OURIVES N. 7

SUMMARIO

ARTHUR NAPOLEÃO. . .	A. A.
CHRONICA FLUMINENSE	A.
LUZ DE AMOR. Adelino Fontoura.
CANTIGA DE ESPONSAES.	Machado de Assis.
ACTUALIDADES.	Gavroche.
A MORPHETICA.	A. Foscolo.
NO ALBUM DE ADELINA VIEIRA. Zalina Rolim.
NUM ALBUM	Fricinal Vassico.
THEATROS	X. Y. Z.

O proximo numero do ALBUM trará o retrato e o esboço biographico de

JOÃO CLAPP

ARTHUR NAPOLEÃO

Foi e ainda é um dos primeiros pianistas do mundo. Tem apenas cincoenta annos : nasceu em Portugal, na cidade do Porto, aos 6 de Março de 1843.

Seu pae, Alexandre Napoleão, foi o seu primeiro professor de musica.

Tinha o fedelho apenas seis annos de idade quando tocou pela primeira vez em publico. Foi em Dezembro de 1849, na Philharmonica Portuense.

No anno seguinte deu os seus primeiros concertos, e foi a Lisboa, onde tocou em presença de D. Maria II, no Paço das Necessidades.

Não se calcula o enthusiasmo que o menino prodigio despertou em todo o reino.

Em 1852 partio para a Inglaterra, e os frios inglezes fartaram-se de applaudir o márvilhoso artista de nove annos.

No anno seguinte recebia Arthur Napoleão a consagração de Pariz, onde deu varios concertos. Chamado ás Tulherias, exhibio-se diante de Napoleão III e da imperatriz Eugenia. Foi disputado pelos primeiros salões do Imperio.

Até 1857 percorreu todos os paizes da Europa, e teve a honra de ser apresentado por Meyerbeer á

côrte do rei da Prussia. Era já uma celebridade europeia.

Ao mesmo tempo tomava licções com diversos professores illustres, entre os quaes citam-se Thalberg, Henri Herz, Charles Hallé e Carl Reineck, director do Conservatorio de Leipsig.

Antes de recolher-se á patria, onde o aguardava uma recepção triumphal, Arthur Napoleão foi visitar Liszt, em Weimar, e o grande artista em tanta estima o teve, com tanto agrado o recebeu, que durante dous dias o reteve em sua casa.

N'aquelle anno de 1857 veio Arthur pela primeira vez ao Brasil, onde o precedêra a fama do seu extraordinario talento. Existe ainda n'esta capital muita gente que se recorda das entusiasticas ovações que aqui se fizeram áquelle formoso rapaz de dezeseite annos.

O joven artista percorreu, de ovação em ovação, todo o littoral do Brasil, e foi até Montevideo e Buenos-Aires.

De 1858 a 1861 viajou, sempre coberto de applausos, os Estados-Unidos e as Antilhas. Em Cuba encontrou-se pela primeira vez com Gottschalk e o violinista White.

Em 1862 recolheu-se de novo á patria, mas logo depois emprehendeu nova excursão pela Inglaterra, Escossia e Irlanda, em companhia de Vieuxtemps, o celebre violinista belga.

Depois d'essa victoriosa excursão, que durou bastante tempo, veio pela segunda vez ao Brasil, onde se demorou até 1864.

N'esse anno voltou a Portugal; deu concertos ahi, e logo depois em Hespanha, sendo muito festejado por D. Luiz I e D. Isabel II.

Em 1865 dirigio as festas musicas da Esposição Internacional do Porto.

No anno seguinte veio pela terceira vez ao Brasil; foi, porém, em 1868 que se estabeleceu definitivamente no Rio de Janeiro, abrindo uma casa commercial de pianos e musicas.

*

Começa d'ahi em diante uma nova phase na vida gloriosa do nosso biographado. O commercio e o

amor durante oito annos o afastaram da arte... Oito annos perdidos !

Em fevereiro de 1776 Arthur Napoleão reapareceu em publico, dirigindo, a pedido do Imperador, a execução da missa de *Requiem*, de Verdi, no Cassino Fluminense. Parece que ainda me são nos ouvidos o echo das aclamações com que a sala inteira o recebeu quando, de batuta em punho, elle surgiu no estrado da regencia!

Pouco depois partio Arthur Napoleão para a Europa, e foi a Bayreuth assistir á primeira representação do *Annel de Niebelung*, a estupenda tetralogia de Ricardo Wagner. Alli, foi apresentado ao grande reformador, e esteve pela ultima vez com o velho Liszt, que tão honrosa acolhida lhe déra, vinte annos antes, em Weimar.

Arthur Napoleão contou, em folhetins escriptos para a *Gazeta de Noticias*, as impressões que lhe deixou no espirito a musica de Wagner, que n'aquelle tempo se chamava a musica do futuro.

Em 1878 foi a Pariz assistir á Exposição Universal; a imprensa pariziense recebeu-o com todas as honras devidas ao seu alto merecimento artistico.

De volta de Pariz, veio Arthur Napoleão tomar conta da nova casa de musicas e pianos que abrio na rua do Ouvidor n. 89, de sociedade com o Sr. Narciso Braga e o illustre compositor brasileiro Leopoldo Miguez, actual director do Instituto Nacional de Musica.

Recomeçou n'esse tempo, com muito enthusiasmo, os seus estudos de piano e composição, tocando de então para cá em innumeradas festas de caridade e nos inolvidaveis concertos classicos da Escola da Gloria, promovidos por White, sob os auspicios da ex-princeza imperial D. Isabel.

Está na memoria de todos o grande festival do tricentenaric de Camões, em 1880, promovido pelo Gabinete Portuguez de Leitura e realisado no theatro D. Pedro II, hoje Theatro Lyrico. Arthur Napoleão dirigio a parte musical d'essa grande festa, que reuniu quinhentos musicos no palco.

Em 1889, passando por Lisboa na sua ida á Exposição de Pariz, deu, com enorme successo, alguns concertos no theatro S. Carlos. Seguiu para Pariz na intenção de fazer-se ouvir na grande capital, mas teve que voltar subitamente ao Rio de Janeiro, por ter recebido noticia do fallecimento do Sr. Narciso Braga, que era então o seu unico socio na casa commercial da rua do Ouvidor.

Actualmente essa casa está transformada em companhia anonyma, da qual o meu biographado é director-gerente.

*

Desnecessario é dizer aqui o que vale Arthur Napoleão como pianista; poucos leitores terei que não o conheçam, e quem nunca o ouviu não poderá, por uma simples noticia, fazer ideia da perfeição com que elle fez fallar o mais insupportavel e o mais sublime dos instrumentos. Diz tudo a simples enu-

meração dos seus triumphos artisticos nas primeiras capitães do mundo.

Interpretação conscienciosa e correctissima dos mais inacessiveis autores; agilidade demoniaca, servida por duas mãos que tornou enormes o exercicio continuo a que elle se entregou

Das faixas infantis despido apenas ;

execução impecavel dos trechos escriptos para tormento de pianistas consummados; posse absoluta de todos os segredos do teclado, e, a par d'essas admiraveis qualidades technicas, uma expressão, um sentimento, uma poesia que se não definem, capazes de dar alma a um páo e arrancar lagrimas a uma bala do *Aquidaban*.

Ahi têm o pianista, que occupa tambem um logar distinctissimo como compositor. Longa e fastidiosa seria a lista das suas producções impressas, embora só me referisse ás mais notaveis. Algumas d'ellas gozaram e gozam de grande popularidade não só entre os amadores, mas tambem, e principalmente, entre os artistas d'este e de outros paizes.

*

Tambem occuparia um longo espaço a lista das commendas, officialatos, habitos, medalhas, diplomas, titulos honorificos, etc., com que Arthur Napoleão foi agraciado em todas ou quasi todas as terras que percorreu, deliciando os povos. Poucos artistas ha condecorados assim.

*

Rematarei este esboço biographico, dizendo que o grande pianista é um *causeur* de primeira ordem, discreto (*discreto* na acepção classica da nossa lingua), elegante, cavalheiro, jogador emérito de xadrez. Tem dous defeitos: é muito distraído (quando não toea piano, entenda-se), e gosta de fazer *calembours* a proposito de tudo.

*

E nada mais tenho que dizer do pianista celebre que trocou o mundo por esta grande aldeia chamada Rio de Janeiro.

A. A.

CHRONICA FLUMINENSE

Eu já disse n'estas columnas (e não me desdigo) que Ruy Barbosa é « um ornamento insigne das letras brasileiras, um factor preponderante da nossa civilização intellectual ».

Mas, meu Deus ! como um homem de tanto talento escreveu e assignou aquelle manifesto de Buenos-Aires, em que qualquer criança encontrará contradicções e anomalias ?

O grande caso é que li e reli esse documento, e não sei se Ruy Barbosa está ou não está do lado dos revoltosos. A posição do illustre brasileiro não se acha bem definida. O instante é tão melindroso, que nós, os seus compatriotas, temos o direito de pedir-lhe que faça como a fortaleza de Villegaignon: declare-se. As brumas do estylo em que está escripto o manifesto não nos deixam ver se alli ha bandeira branca.

No momento que atravessamos todos os brasileiros têm a obrigação irrefragavel de se pronunciar pelo governo constituído ou pela revolta. Não se admittem neutralidades. O *Album* é um jornalsinho de litteratura amena e tem no seu programma uma clausula que lhe interdiz a politica. Mas aqui não se trata precisamente de politica; trata-se de salvar o decoro da Patria e a dignidade da lei fundamental da Republica.

*

Quanto á revolta, nada sei, nem me quero fazer echo de boatos e dicerios. As coisas continuam na mesma; nada tenho que accrescentar á minha ultima chronica. Esta é escripta em sexta-feira, 13 de Outubro.

*

Foi dado hontem á sepultura o cadaver de D. Henriqueta Amaral, virtuosa matrona, viuva d'aquelle sympathico e alegre general Antonio José do Amaral, que morreu ha um anno, e será sempre lembrado com saudade e respeito por quantos o conheciam.

Essa senhora foi, pode-se dizer, um interessante phenomeno physiologico: esteve tísica durante trinta e tantos annos; soffria com intervallos terribes crises a que parecia succumbir; mas aos poucos readquiria a vitalidade, e dizia com um sorriso de resuscitada: — Ainda não fui d'esta vez. — Continuava a viver.

Enterrou assim muitos parentes, e afinal o esposo. Este, que tinha espirito, um dia disse-lhe: — Minha mulher, tu com certeza não és immortal, mas és immorivel.

*

As palavras que na minha ultima chronica escrevi com relação ao fallecimento do Garnier, valeram-me uma carta anonyma, redigida, aliás, em termos inoffensivos, o que é muito raro em cartas anonymas.

O autor d'essa epistola não me quer mal pelas referencias que fiz á proverbial avareza do famoso editor; é de opinião que nós, os chronistas, temos o direito de dizer o que sabemos e o que sentimos relativamente aos individuos que morrem depois de haver exercido uma influencia directa sobre o organismo social. O que elle não me perdoa é ter dito que o Garnier pagava mal aos autores cujas obras editava.

Fere o meu correspondente um ponto tão incontraverso e notorio, que não me dou ao trabalho de uma contestação; limito-me a contar-lhe um caso:

Quando Luiz Murat e eu publicavamos a *Vida Moderna*, o Sr. Henrique Lombaerts, que era o nosso editor, sugerio-me a ideia de fazer um livro dos meus contos, aproveitando, por economia, a composição typographica d'aquelle periodico e a da *Estação*.

Aceitei o alvitre e, feito o livro, que intitulei *Contos possiveis*, o mesmo Sr. Lombaerts aconselhou-me que procurasse passar a edição ao Garnier, cuja casa tinha a especialidade das obras d'esse genero. A mim não me convinha, effectivamente, vender os volumes por minha conta, um a um, pondo-os nas livrarias á consignação («A' consignação» é como se diz), e sujeitando-os assim á sorte das obras editadas pelos proprios autores e abandonadas não só á indifferença ou á má vontade dos livreiros, como á voracidade das traças.

— Bem lembrado; vou ter com o Garnier; mas quanto lhe hei de pedir?

— Não sei, veja lá, respondeu-me o Sr. Lombaerts; os mil exemplares costumam-lhe quatrocentos mil réis, inclusive capa e brochura.

O Sr. Lombaerts dava-me a fazenda pelo custo; os *Contos possiveis* têm duzentas paginas, e são nitidamente impressos, com typo miudo, em muito bom papel.

Eu não conhecia o Garnier. Machado de Assis, meu mestre e amigo, obsequiou-me com um bilhete de apresentação.

Encontrei o livreiro no seu escriptorio, ao fundo da loja, de pé, encostado a uma carteira, manuseando um grande livro de escripturação mercantil e fumando um pessimo charuto.

Com quanto estivessemos no verão, o velhote vestia um pesado sobretudo, tinha o pescoço envolvido n'um lenço de seda e a cabeça mettida n'um bonnet. Atravez dos oculos faisavam-lhe uns olhos vivos e penetrantes.

Elle recebeu-me, devo confessal-o, com uma cortezia verdadeiramente franceza. Durante a nossa entrevista sempre me tratou por *monsieur le docteur*.

Eu disse-lhe o motivo que me levava á sua presença:

— Imprimi por minha conta, aproveitando (accrescentei com toda a lealdade) a composição typographica da *Vida Moderna*, mil exemplares d'este volume de contos... Queira examinal-o: tem duzentas paginas e está perfectamente manufacturado; só lhe faltam o frontespicio e a capa. Venho propor-lhe ficar com a edição: dou-lhe os mil exemplares promptos, brochados, e com o seu nome.

O Garnier abriu e reabriu o exemplar *avant la lettre*, gemeu, abanou a cabeça, mordeu o charuto, expectorou longas e dolorosas considerações sobre o indifferentismo do publico brasileiro no tocante á litteratura do seu paiz, queixou-se amargamente

dos prejuizos que lhe causaram quasi todas as suas edições de escriptores nacionaes, fez-me ver que o conto era o genero litterario que menos se vendia (*Ah! si c'était un roman!* repetio duas ou tres vezes), e afinal me perguntou quanto eu queria pelos mil exemplares.

— Faça preço, respondi. Não desejo ganhar mundos e fundos com o meu livro. Contento-me com salvar a despeza, e ficar com alguma coisa para cigarros.

— Quanto lhe custou isto?

— Um preço de amigo: quatrocentos mil réis.

O Garnier tornou a folhear o volume, tornou a gemer, tornou a abanar a cabeça, mordeu com mais força o charuto, e finalmente disse, entregando-me o livro:

— *Monsieur le docteur*, não posso dar pelos mil exemplares mais de .. quatrocentos mil réis.

— Que diabo! pensei. Adivinhasse eu, e ahí estava um caso em que a mentira teria desculpa. Se eu dissesse a este homem que a despeza tinha sido de quinhentos mil réis, ganharia o que o meu generoso amigo Lombaerts não quiz ganhar...

Como eu estava morto por me ver livre d'aquella massada, e tinha certo desvanecimento, confesso, em ser editado pelo editor de tantos escriptores illustres, fechei o negocio pelos quatrocentos mil réis.

Poucos dias depois, mandei levar-lhe toda a edição. O milheiro não estava completo: faltavam, não sei como, vinte e tantos exemplares. O millionario descontou-os no pagamento, á razão de quatrocentos réis cada um...

Um mez depois de realiado o negocio, disse-me o sympathico Sr. Valladão (n'aquelle tempo empregado da livraria Garnier) que já o editor dos *Contos possiveis* tirára o custo da edição. Eu bem o presumia, pois para isso bastava que elle vendesse duzentos exemplares; mais ainda assim soltei um suspiro de allivio: não fosse eu causar a ruina d'aquelle velho protector das letras patrias!

A.

LUZ DE AMOR

A luz do teu olhar suave e doce
 Illuminou-me inteiramente a vida;
 Foi um raio de sol que a vida trouxe
 A esta minha alma quasi amortecida
 Como se d'este mundo já não fosse.

Já não me enluta agora a sombra escura
 De um tormentoso e intimo desgosto;
 A luz do teu amor radiante e pura
 Foi como um sol esplendido de Agosto
 Que resplandece e limpido fulgura!

ADELINO FONTOURA.

CANTIGA DE ESPONSAES

Imagine a leitora que está em 1813, na egreja do Carmo, ouvindo uma d'aquellas boas festas antigas, que eram todo o recreio publico e toda a arte musical. Sabe o que é uma missa cantada; póde imaginar o que seria uma missa cantada d'aquelles annos remotos. Não lhe chamo a attenção para os padres e os sacristães, nem para o sermão, nem para os olhos das moças cariocas, que já eram bonitos n'esse tempo, nem para as mantilhas das senhoras graves, os calções, as cabelleiras, as sanefas, as luzes, os incensos, nada. Não fallo sequer da orchestra, que é excellente: limito-me a mostrar-lhe uma cabeça branca, a cabeça d'esse velho que rege a orchestra, com alma e devoção.

Chama-se Romão Pires; terá sessenta annos, não menos, e nasceu no Vallongo, ou por esses lados. E' bom musico e bom homem; todos os musicos gostam d'elle. Mestre Romão é o nome familiar; e dizer familiar e publico era a mesma coisa em tal materia e n'aquelle tempo. « Quem rege a missa é mestre Romão, » — equivalia a esta outra fórma de annuncio, annos depois: « Entra em scena o actor João Caetano »; — ou então: « O actor Martinho cantará uma de suas melhores arias ». Era o tempero certo, o chamariz delicado e popular. Mestre Romão rege a festa! Quem não conhecia mestre Romão, com o seu ar circunspecto, olhos no chão, riso triste e passo demorado? Tudo isso desaparecia á frente da orchestra; então a vida derramava-se por todo o corpo e todos os gestos do mestre; o olhar accendia-se; o riso illuminava-se; era outro. Não que a missa fosse d'elle; esta, por exemplo, que elle rege agora no Carmo é de José Mauricio; mas elle rege-a com o mesmo amor que empregaria, se a missa fosse sua.

Acabou a festa; é como se acabasse um clarão intenso, e deixasse o rosto apenas allumiado da luz ordinaria. Eil-o que desce do côro, apoiado na bengala; vae á sacristia beijar a mão aos padres, e aceita um logar á mesa do jantar. Tudo isso indifferente e calado. Jantou, sahio, caminhou para a rua da Mãe dos Homens, onde reside, com um preto velho, pae José, que é a sua verdadeira mãe, e que n'este momento conversa com uma vizinha.

— Mestre Romão lá vem, pae José, disse a vizinha.

— Eh! eh! adeus, sinhá, até logo.

Pae José deu um salto, entrou em casa, e esperou o senhor, que d'ahi a pouco entrava com o mesmo ar de costume. A casa não era rica, naturalmente; nem alegre. Não tinha o menor vestigio de mulher, velha ou moça, nem passarinhos que cantassem, nem flores, nem côres vivas ou jocundas. Casa sombria e nua. O mais alegre era um cravo, onde mestre Romão tocava algumas vezes, estudando. Sobre uma cadeira, ao pé, alguns papeis de musica; nenhuma d'elle.



Phototypia J. Gutierrez.

ARTHUR NAPOLEÃO

Ah! se mestre Romão pudesse, seria um grande compositor. Parece que ha duas sortes de vocação, as que têm lingua e as que a não têm. As primeiras realisam-se; as ultimas representam uma luta constante e esteril entre o impulso interior e a ausencia de um modo de communicação com os homens. Romão era d'estas. Tinha a vocação intima da musica; trazia dentro de si muitas operas e missas, um mundo de harmonias novas e originaes, que não alcançava exprimir e pôr no papel. Esta era a causa unica da tristeza de mestre Romão. Naturalmente o vulgo não atinava com ella; uns diziam isto, outros aquillo; doença, falta de dinheiro, algum desgosto antigo; mas a verdade é esta:— a causa da melancolia de mestre Romão era não poder compor, não possuir o meio de traduzir o que sentia. Não é que não rabiscasse muito papel e não interrogasse o cravo, durante horas; mas tudo lhe sahía informe, sem ideia nem harmonia. Nos ultimos tempos tinha até vergonha da visinhança, e não tentava mais nada.

E, entretanto, se pudesse, acabaria ao menos uma certa peça, um canto esponsalicio, começado tres dias depois de casado, em 1779. A mulher, que tinha então vinte e um annos, e morreu com vinte e tres, não era muito bonita, nem pouco, mas extremamente sympathica, e amava-o tanto como elle a ella. Tres dias depois de casado, mestre Romão sentio em si alguma coisa parecida com inspiração. Ideiou então o canto esponsalicio, e quiz compol-o; mas a inspiração não poudo sahir. Como um passaro que acaba de ser preso, e forceja por transpor as paredes da gaiola, abaixo, acima, impaciente, aterrado, assim batia a inspiração do nosso musico, encerrada n'elle sem poder sahir, sem achar uma porta, nada. Algumas notas chegaram a ligar-se; elle escreveu-as; obra de uma folha de papel, não mais. Teimou no dia seguinte, dez dias depois, vinte vezes durante o tempo de casado. Quando a mulher morreu, elle releu essas primeiras notas conjugaes, e ficou ainda mais triste, por não ter podido fixar no papel a sensação da felicidade extincta.

— Pae José, disse elle ao entrar, sinto-me hoje adoentado.

— Sinhô comeu alguma coisa que fez mal.

— Não; já de manhan não estava bom. Vae á botica.

O boticario mandou alguma coisa, que elle tomou á noite; no dia seguinte mestre Romão não se sentia melhor. E' preciso dizer que elle padecia do coração: — molestia grave e chronica. Pae José ficou aterrado, quando vio que o incommodo não cedêra ao remedio, nem ao repouso, e quiz chamar o medico.

— Para que? disse o mestre. Isto passa.

O dia não acabou peor; e a noite supportou-a elle bem, não assim o preto, que mal poudo dormir duas horas. A visinhança, apenas soube do incommodo, não quiz outro motivo de palestra; os que entreti-

nham relações com o mestre foram visítal-o. E diziam-lhe que não era nada, que eram macacoas do tempo; um accrescentava graciosamente que era manha para fugir aos capotes que o boticario lhe dava no gamão,—outro que eram amores. Mestre Romão sorria, mas comsigo mesmo dizia que era o final.

—Está acabado, pensava elle.

Um dia de manhan, cinco depois da festa, o medico achou-o realmente mal; e foi isso oque elle lhe vio na physionomia por traz das palavras enganadoras: — Isto não é nada; é preciso não pensar em musicas.

Em musicas! justamente esta palavra do medico deu ao mestre um pensamento. Logo que ficou só, com o escravo, abriu a gaveta onde guardava desde 1779 o canto esponsalicio começado. Releu essas notas arrancadas a custo, e não concluidas. E então teve uma ideia singular: — rematar a obra agora, fosse como fosse; qualquer coisa servia, uma vez que deixasse um pouco de alma na terra.

— Quem sabe? Em 1880 talvez se toque isto, e se conte que um mestre Romão.

O principio do canto rematava em um certo *lá*; este *lá*, que lhe cahia bem no logar, era a nota derradeiramente escripta. Mestre Romão ordenou que lhe levassem o cravo para a sala do fundo, que dava para o quintal: era-lhe preciso ar. Pela janella vio na janella dos fundos de outra casa dous casadinhos de oito dias, debruçados, com os braços por cima dos hombros, e duas mãos presas. Mestre Romão sorriu com tristeza.

— Aquelles chegam, disse elle, eu saio. Compo-rei ao inenos este canto que elles poderão tocar

Sentou-se ao cravo; reproduzio as notas e chegou ao *lá*...

— *Lá, lá, lá...*

Nada! não passava adiante. E contudo, elle sabia musica como gente.

— *Lá, dó... lá, mi... lá, si, dó, ré.. ré... ré.*

Impossivel! nenhuma inspiração. Não exigia uma peça profundamente original, mas emfim alguma coisa, que não fosse de outro e se ligasse ao pensamento começado. Voltando ao principio, repetio as notas, buscava rehavere um retalho da sensação extincta, lembrava-se da mulher dos primeiros tempos... Para completar a illusão, deitava os olhos pela janella, para o lado dos casadinhos. Estes continuavam allí, com as mãos presas e os braços passados nos hombros um do outro; a differença é que se miravam agora em vez de olhar para baixo. Mestre Romão, offegante da molestia e de impaciencia, tornava ao cravo; mas a vista do casal não lhe supprira a inspiração, e as notas seguintes não soavam.

— *Lá... lá... lá...*

Desesperado, deixou o cravo, pegou do papel escripto e rasgou-o. N'esse momento, a moça embebida no olhar do marido, começou a cantarolar á

toa, inconscientemente, uma coisa nunca antes cantada nem sabida, na qual coisa um certo *lá* trazia apoz si uma linda phrase musical, justamente a que mestre Romão procurára durante annos sem achar nunca. O mestre ouviu-a com tristeza; abanou a cabeça, e á noite expirou.

MACHADO DE ASSIS.

ACTUALIDADES

III

COPLAS

(Musica : *En r'venant de la r'vue*)

I

Custodio estava na Marinha,
Mas deixou logo esse logar :
A pasta já lhe não convinha
Por incompatibilisar...
Mas, vendo agora o grande veto,
Que de desgosto o poz repleto,
Todo abrasado em furia van,
P'ra bordo foi do *Aquidaban*.
E ahi virou, mexeu,
Os fogos accendeu,
Convencidissimo talvez
De que faria um Vinte-e-Tres...
E ao Itamaraty
Mandou dizer d'alli
Deixassem-lhe o Poder,
Pois outro qu'ria lá metter...
O Marechal,
Como era natural,
Foi rispido e formal...
Que desengano!...
É o valentão
Comsigo disse então ;
Não é nenhum poltrão
Este Floriano !

II

Custodio capturou navios,
Arranjou polvora a faltar,
E, se lá tem tantos vadios,
Nenhum se arrisca a jejuar.
Fez fogo contra as fortalezas,
Matou senhoras portuguezas,
Deitou abaixo um carrilhão
E apoderou-se da Armação...
Elle o simão pintou,
Com um pimpão se armou ;
Póde mais gente esquarterar,
Mais carrilhões espatifar ;
Mas, pelo que se vê,
Eu cá sustento que
Não mais aqui põe pé,
E uma apostasinha faço até !
A gente san
Não teme que amanhan
Regogue o *Aquidaban*,
Uive a *Trajano* !
E' não tremer
Emquanto no Poder
Deus nos consinta ver
Mestre Floriano !

III

Custodio sente-se mais forte
Que o *Aquidaban* e o *Javary*,
Porque ligada á sua sorte
Vê toda a flor do Cucuhy...
Teve, confesso, algum juiso
Em ter levado o grande Anfriso,
Que o Eldorado aqui fundou
É com canhões se habituou.
Com elle a bordo está
Um ministerio já,
Que, toda a gente á uma o diz,
Poria em talas o paiz ;
Mas não receie ninguem,
Pois nada apanha quem
A bordo vejo estar
Em aguas turvas a pescar...
O Marechal
E' chefe nacional
E constitucional
Por mais um anno !
Queira o Senhor
Que, quando este se fôr,
Alli possamos pôr
Outro Floriano !¹

GAVROCHE.

¹ Póde o côro accrescentar com a mesma musica :
Porém paizano.

A MORPHETICA

Aurora, uma bella criança, assaltada pela morphea aos quinze annos, vivia retirada do mundo. Ficára completamente orphan em companhia da velha tia : guardião do passado, rebento unico da familia paterna.

No silencio tumular da vetusta casa, no meio da immensa fortuna herdada, a moça não podia encontrar a felicidade, nem o bem estar sequer.

O coração, completamente condemnado ao ostracismo do amor, não ousava sonhar ventura alguma; as inspirações seriam abafadas pela hediondez da doença que lhe contaminava o corpo.

As festas profanas e ruidosas do mundo, o espectáculo esplendente da natureza, as devoções mysticas e pomposas dos templos, os gosos inebriantes da volupia, tudo lhe era vedado; como Tantalos, sentia nos labios o pomo da ventura, mas não lhe podia tocar : o destino tolhera-a, cravando-lhe aquellas cicatrizes no rosto.

De tudo que a rodeava, de todas as scenas ruidosas, dos panoramas varios, só lhe agradava o cemiterio... a velha necropole, negra e tetrica, que contemplava, do balcão de sua janella, com prazer melancolico. E os seus olhos, como os do peregrino a divina Mecca, fitavam com alegria o jasigo final, onde se depuram as maculas humanas, d'onde a alma, purificada n'um banho de luz, evola para o seio do Almo, emquanto o corpo, no ventre da grande mãe, se transforma em embrião de plantas, dando-nos flores e fructas.

E essa crença viva na immortalidade da alma, a confiança na prestabilidade eterna do corpo, que lèra, não sabia onde, davam-lhe o bem estar no meio das agonias de precita condemnada a dores perennes.

*

Mas, nem a placidez apathica do *eu* em face do mundo, de que se divorciára, nem a soledade e a melancolia do seu peito foram duradouras. A alma, até ahi virgem de qualquer paixão, robustecera-se para erguer-se bradando contra os direitos postergados.

Aurora amou aos 25 annos... Amou com a ardentia e o enthusiasmo de um coração em toda plenitude de forças.

O objecto de seu amor, um rapaz elegante, passava todas as tardes em frente de sua janella, sahindo de uma casa vizinha para onde se mudára havia pouco.

Julgando-se completamente incompativel com o mundo, a moça procurou abafar no peito aquella paixão, alma da vida, mas, para ella, nas condições physiologicas do seu ser, mais cruel, mais terrivel e dolorosa que a propria morte.

Da louca chamma que lhe incendiava o coração, pensava, não deixaria sentir uma scentelha sequer; pois uma só seria bastante para atear no amante o desprezo... peor mil vezes que a condemnação de não poder amar, mais horrivel que o inferno de não ser amada.

*

Aurora, rica bastante para comprar um noivo, não achava o amante dilecto com caracter de vender-se; nem ao seu espirito, intelligente e nobre, agradava a ideia de comprar o objecto sonhado em suas illusões de virgem.

E, com tudo, o amor proprio, base do orgulho humano, fizera nascer a esperança em seu coração.

Ella víra o querido sonho de sua vida andar em torno da casa, miral-a, examinal-a e, pela velha criada, soubera que elle indagára se a moça era rica, quem habitava com ella.

Quasi doida de jubilo murmurava consigo :

— Amar-me-á, meu Deus, amar-me-á?

Quando o mancebo passou á tarde, olhando para a janella, Aurora bemdisse-o por aquella esmola de um raio de esperança, pelo esquecimento momentaneo que lhe dera da vida infernal em que vivia.

E á noite, nas suas orações pedindo á Virgem a sanidade do corpo, a salvação do espirito, envolvia o nome do idolo de seu coração, implorando de Deus venturas mil para o homem que lhe dera mil venturas.

*

A noite era escura e pelo lado do oriente ameaçava borrasca.

A morphetica deitou-se almejando o somno, conductor de bellos sonhos, unico prazer de sua vida.

Sonhou... Era uma visão esplendida em que as suas esperanças de donzella estavam realizadas.

Preparava-se para o proprio consorcio. Desconhecia-se: olhára para um grande espelho fronteiro, e — coisa incrível — o rosto, completamente coberto de tuberculos, estava agora liso e assetinado; as manchas rubras da morphea transformaram-se em duas rosas desmaiadas que lhe ornavam as faces... As mãos, o corpo, tudo estava em perfeito estado. Apalpou o semblante para se convencer da realidade do que via, e a sua mão tocou a maciez avelludada de sua bella cutis. Correu os olhos em torno para que a vissem em toda a plenitude de belleza, e deparou com uma metamorphose estranha — dir-se-ia obra de fada.

O velho casarão de seus avós transformára-se n'um rico palacete; a alcova negra, unctuosa, onde as mãos do pintor não tocavam havia muito, mudára-se n'uma camara sumptuosa, onde o ouro, o velludo, a purpura, tudo o que a phantasia asiatica havia inventado, se via profusamente, artisticamente posto com harmonia e belleza.

E tudo estava prompto: os convidados, os paes; só faltava o noivo e não poderia tardar.

Annunciaram-no afinal.

Aurora ia sahir, radiante de goso e de belleza...

Um trovão repercutiu de subito e ella acorda.

Pela luz do relampago, entando pela janella, vio um vulto tentando arrombar o movel onde guardava a sua fortuna.

Ergueu-se amedrontada, gritando soccorro.

O malvado voltou-se e, segurando-a pelo braço, ordenou silencio.

Ella gritou ainda.

A lamina de um punhal luzio na claridade dubia do quarto e a moça tombou ferida no peito.

A luz de um relampago bateu de chapa sobre o rosto do assassino, e Aurora reconheceu o sonhado noivo de suas illusões.

— Que pesadelo horrivel, meu Deus! exclamou, e morreu.

De todas as esperanças, de todas as illusões de sua vida, só uma ficára de pé: — era a crença de que não passára de um sonho a acção feroz do homem amado, o ladrão que a matára para roubar.

A. FOSCOLO.

Recebemos os primeiros numeros do *Trabalho*, publicação semanal do Centro de Imigração e Trabalho, de S. Paulo. Este interessante periodico, escripto nos idiomas italiano e portuguez e redigido pelo Sr. Domenico Rangoni, propõe-se a ser « o conselheiro, o guia do imigrante e do lavrador »

Recebemos, tambem de S. Paulo, *Fanfula*, folha tri-semanal de que é director-proprietario o Sr. Vitaliano Rotellino, e que publica a seguinte declaração: « *Fanfula è l'unico giornale indipendente italiano nel Brasile* ».

Tambem nos visitaram a *União*, da Villa de S. Manoel (Minas), a *Folha de Barbacena*, e o *Noticiarista*, de Taubaté, do qual é redactor principal o Sr. Alvaro Guerra.

NO ALBUM DE ADELINA VIEIRA

Dizem lendas de outr'ora que Sakhyra,
O indiano Christo legendario e santo,
De estranho e raro e mysterioso encanto
Uma jarra finissima possuia.

N'ella flores lançando noite e dia
Nobres e ricos, viam com espanto
Vasia sempre a jarra, a qual, no emtanto,
Uma só flor, das mãos de um pobre, enchia.

Assim teu coração; — o ideal thesouro
Dos nababos do verso, estrophes de ouro
D'elle não chegam a alcançar a altura.

Mas, para vel-o transbordar de affecto,
Bastam somente um meigo olhar discreto
E uma palavra meiga de ternura.

ZALINA ROLIM.

26—9—93.

N'UM ALBUM

A DEMOSTHENES CORREIA NETTO

Do teu album as laudas devolutas,
Que a negra tinta vae manchando agora,
Do que seja esta vida enganadora
Fazem pensar n'umas ideias brutas...

Lembram-me que ás canduras impollutas
Que moram na alma d'uma infancia loura,
Sucedem a calumnia que desdoura,
E o tredo desengano e as duras lutas.

O papel dá-me a ideia da candura,
E a tinta a da calumnia torva, escura,
Que a alma enodôa de quem vae tocando!

...Senhora minha, este teu album fecha,
Mas paginas em branco algumas deixa
Que a tua vida fiquem memorando!...

FRICINAL VASSICO.

THEATROS

No dia 8 do corrente mez de Outubro fez um
anno que falleceu Guilherme de Aguiar.
Ninguem se lembrou de commemorar, ao menos
com duas linhas na imprensa, o primeiro anniver-

sario da morte do nosso grande artista! Decidida-
mente *les morts vont vite*...

*

Ha dias, na vespera de embarcar para a Europa,
o festejado *maestro* Marino Mancinelli disse-me
que se associára ao sr. Bartholomeu Correia da
Silva, proprietario do Theatro Lyrico, para trazer
ao Rio de Janeiro uma companhia lyrica digna do
publico fluminense.

Emquanto não nos regalamos com esse presente,
contentemo-nos com o Polytheama, onde acaba de
se estreiar, representando a *Aida*, de Verdi, a
companhia Sonzoni.

Na noite da estreia ouviam-se tiros ao longe e
chovia a cantaros; deixei-me ficar em casa, mesmo
porque o *Album* não foi convidado para o espe-
taculo.

Dizem-me que a companhia é a melhor que se
póde exigir em tempo de revolta, e que, apesar dos
pezares, o publico foi ao Polytheama.

Embora; quer me parecer que os artistas do
sr. Sonzoni fariam mais negocio n'um theatro im-
provisado a bordo do *Aquidaban* ou na fortaleza
de Villegaignon. No Rio de Janeiro, actualmente,
só elles, os revoltosos, têm alma para divertir-se.

*

No Sant'Anna trabalha agora uma companhia
portugueza sob a direcção do actor Joaquim Silva,
e da qual fazem parte as actrizes Amelia Garraio e
Palmyra, e os actores Julio Vieira, Cardoso e ou-
tros.

Essa companhia tem representado pequeninas co-
medias, monologos, etc. Como peça de resistencia
deu as *Intrigas no bairro*, de Luiz de Araujo,
pochade que seria um primor se tivesse sido es-
cripta com mais paciencia. Joaquim Silva é impa-
gavel no papel do mestre sapateiro. A concorrência
tem sido a melhor que se póde desejar nos tempos
calamitosos que atravessamos.

*

No Recreio fez-se uma *reprise* do *Poder do
ouro*, e o Apollo festeja a 50^a representação do
Abacaxi.

*

Os outros theatros conservaram-se fechados du-
rante a semana.

X. Y. Z.